

A apologia do turismo em Florianópolis-SC: mitos e contradições

Helton Ricardo Ouriques

Professor do Departamento de Ciências Econômicas da UFSC

Resumo

Os anos oitenta são marcados, em Florianópolis, pela notável expansão da atividade turística, promotora de significativas mudanças na paisagem da orla marítima local. O turismo passou a ser visto como a tábua de salvação da economia local na geração de empregos e, ao mesmo tempo, como elemento fundamental da possibilidade de preservação ambiental. A mono-atividade turística é, atualmente, a grande força ideológica presente no inconsciente coletivo dos florianopolitanos. Contudo, muitas vezes as máscaras de festa escondem um rosto de Medusa. Este texto pretende discutir elementos que não aparecem nos discursos apoloéticos dos agentes sociais locais, como a baixíssima participação dos empregos do setor na economia local e o caráter autofágico (predatório da paisagem natural) atrelado à “indústria sem chaminés”.

Palavras-chave: turismo; emprego; meio ambiente; problemas da urbanização.

Abstract

The eighties' were marked in Florianópolis by the notable expansion of the touristic activity which promoted significant changes at the local maritime landscape. Tourism was increasingly believed to be the last resource for the local economy, generating new working places and, at the same time, an essential element for environmental preservation. The touristic mono-activity, at the moment, represents the great ideological force within the collective unconsciousness of the inhabitants of Florianópolis. However, frequently the festive masks hide a Medusan face. This text intends to discuss elements which don't appear in the apologetic discourses of the local social agents like the very low ratio of jobs created thereby in the local working market and the autophagic feature (predatory of the environment) of the “industry without chimneys”.

Keywords: tourism; employment; environment; urbanizational problems.

1. Introdução

Durante a última campanha eleitoral em Florianópolis-SC, um dos temas mais freqüentes nos discursos dos candidatos a prefeito era o desenvolvimento turístico do município. Existia até um relativo consenso, face à flagrante heterogeneidade ideológica das candidaturas, quanto ao fato desta atividade econômica significar a principal (ou a única, para alguns dos candidatos) alternativa para o futuro da cidade.

Os apelos em defesa do turismo geralmente gravitam na tese de ser esta a principal fonte de empregos e rendas para a cidade, em virtude da baixíssima participação histórica do setor industrial na região. Assim, em uma cidade eminentemente administrativa e comercial como Florianópolis, investir no turismo seria a única alternativa para os habitantes conseguirem obter postos de trabalho. Tal tese associa-se a uma suposta “vocação natural” para as atividades de lazer, determinada pela privilegiada base natural da Ilha de Santa Catarina.

Além disso, o modismo ecológico pesa em favor das atividades turísticas, porque tornou-se um jargão chamá-las de “indústrias sem chaminés”, por não poluírem o meio ambiente. Neste contexto, existe uma espécie de unanimidade, qualificada por nós de unanimidade apologética em defesa do turismo, manifestada pelos meios político e empresarial, tendo inclusive reflexos nos mais díspares segmentos da sociedade florianopolitana que reproduzem o ideário turístico.

Constitui-se um ato de sabedoria refletir sobre as informações transmitidas por quaisquer meios, já que nem sempre estas correspondem à verdade dos fatos e evidências. Esta unanimidade impressionista em torno do turismo não se parece com uma tela de *Van Gogh*. Na verdade, algumas realidades atreladas à “grande vocação natural” da Ilha não têm nada de artístico. Cabe ao pesquisador, portanto, empenhar-se em dissecar a essência dos fenômenos aparentes. Afinal de contas, geralmente estes não significam a totalidade, mas reflexos imperfeitos que, tal como no mito da caverna de Platão, transmitem uma concepção parcial das coisas do mundo. Daí o sentido principal da investigação científica: iluminar os quartos escuros cerebrais, aproximando-nos das verdades, mesmo que estas venham a ser provisórias.

É com este espírito que a breve análise a seguir pauta-se pela contraposição ao “consenso turístico”, tão em evidência neste fim de século em Florianópolis. Para tanto, analisaremos (obviamente sem a pretensão de esgotarmos o assunto) os dois pés de barro que sustentam a panacéia em questão: o emprego e o meio ambiente.

2. O turismo, principal fonte de empregos em Florianópolis?

Já faz parte do senso comum, conforme o comentado anteriormente, a associação entre expansão turística e geração de empregos em Florianópolis. Tal associação, contudo, deve ser vista com muitíssimo cuidado, diante das mudanças em curso na economia mundial que têm refletido negativamente sobre a sorte de contingentes cada vez maiores de trabalhadores nos últimos anos. Vários autores¹ destacam o processo global de precarização e flexibilização nas relações de trabalho durante as Décadas de Crise (para usar uma expressão de HOBBSAWM), ao mesmo tempo em que apontam para um crescimento do desemprego global. Será que a Ilha da Magia constituir-se-á em uma exceção à regra, tornando-se uma “ilha de prosperidade” na criação de empregos turísticos?

Para verificarmos a veracidade desta hipótese, utilizamos alguns dados disponíveis sobre emprego do Ministério do Trabalho,² referentes ao município de Florianópolis, para o período compreendido entre janeiro de 1992 e setembro de 1996. A Tabela I mostra a média trimestral do “estoque”³ de mão-de-obra durante a alta temporada⁴ turística em Florianópolis em alguns setores selecionados.

¹ Dentre os quais destacamos: KURZ (1991); HARVEY (1993); RIFKIN (1995); ANTUNES (1995) e HOBBSAWM (1996).

² Tais dados dizem respeito à Lei 4.923/65, que instituiu o CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), que tinha a finalidade básica de acompanhar e fiscalizar o processo de admissão e dispensa dos trabalhadores, de estabelecer medidas contra o desemprego e dar assistências aos desempregados. Atualmente, a base de dados do CAGED está disponível em CD-ROM.

³ A utilização deste termo não é, na verdade, elegante. Mas como ela é utilizada pelo SINE/SC e pelo Ministério de Trabalho, resolvemos mantê-la. Consideramos o termo “estoque” inadequado para designar um conjunto de trabalhadores empregados numa determinada atividade econômica. Na verdade, nesta era do “capital humano”, o homem expropriado é apenas uma coisa contabilizável...

⁴ A trimestralidade diz respeito aos meses de dezembro, janeiro e fevereiro já que é a partir do último mês do ano que começa a temporada de verão em Florianópolis.

TABELA I
MÉDIA DOS EMPREGOS EM FLORIANÓPOLIS-SC,
DURANTE A TEMPORADA TURÍSTICA (DEZ., JAN., FEV.)

Alta Estação	Estoque Total	Serviços	Serviços de Alojamento e Alimentação	Comércio	Participação de Alojamento e Alimentação no Estoque total	Participação de Alojamento e Alimentação nos Serviços
1992/93	154.754	43.390	3.159	11.208	2,04%	7,28%
1993/94	158.956	45.760	3.415	11.982	2,15%	7,46%
1994/95	161.920	47.838	3.817	12.888	2,35%	7,98%
1995/96	165.220	50.973	4.158	13.049	2,51%	8,15%
Varição Absoluta	10.466	7.583	999	1.841	0,47	0,87
Varição Relativa	6,76%	17,47%	31,62%	16,42%	---	---

FONTE: Ministério do Trabalho / Elaboração própria

As ocupações diretamente ligadas ao turismo, que estão inseridas no sub-setor Serviços de Alojamento e Alimentação, foram aquelas que tiveram o maior incremento relativo (31,62%), durante os quatro períodos estudados. Mesmo assim, se atentarmos para o conjunto dos dados coletados, tal incremento não se constitui como algo significativo, já que a expansão dos empregos ligados aos negócios turísticos pouco impacto teve sobre o estoque total em Florianópolis. Afinal de contas, durante a temporada 1992/93 o sub-setor representava 2,04% do total de empregos do município, passando para 2,51% em 1995/96. Quer dizer, o grande catalisador de empregos, a tábua de salvação para os náufragos desempregados desta cidade, a “única alternativa para o futuro”, aumentou sua participação na ocupação total de mão-de-obra em irrisórios 0,47% em quatro temporadas!

Embora tenha sido o setor que mais cresceu no período, o acréscimo de 999 empregos, no auge da temporada turística, significa que apenas 9,54% da variação absoluta no estoque total de empregados esteve ligado à hotelaria e alimentação. Os empregos criados nos Serviços de Hotelaria e Alimentação representaram, para o conjunto do período, 13,17% do montante total de oportunidades criadas pelos Serviços (que geraram 7.583 empregos). Ou seja, mesmo na estrutura dos Serviços do município, tais atividades não catalisam grandes contingentes de trabalhadores, já que estas representavam 7,28% dos serviços em 1992/93 e passaram a representar 8,15% em 1995/96.

Uma primeira conclusão, inferida a partir dos dados anteriormente apresentados, é que, apesar de todas as argumentações favoráveis, o turismo não se constitui, à luz dos dados oficiais (isto é, do ponto de vista da economia formal), num setor representativo na estrutura de empregos do município, já que representa menos de 3% do emprego total e menos de 9% do emprego nos Serviços. Então por que se acredita nas virtudes redentoras da “indústria do turismo” na geração de empregos?

Na verdade, a expansão dos empregos no turismo tem como principal característica a informalidade, um aspeto que explica a maior parte das ocupações nesta atividade, inclusive em outros locais do planeta.⁵ Tal situação é fundamentalmente expressiva nos balneários florianopolitanos, onde as pessoas ocupadas geralmente o são sem qualquer registo formal. Não podemos deixar de mencionar que a informalidade (que às vezes é preferível à formalidade pelo próprio trabalhador), possui ainda um forte caráter de interesse patronal, como evidencia o depoimento do Presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio Hoteleiro e similares da Grande Florianópolis:

Nós temos 700 pessoas filiadas ao Sindicato, uns 10% do total de trabalhadores do setor. Temos feito continuamente campanhas de filiação, mas há um boicote constante por parte dos patrões para que as pessoas não se filiem ao Sindicato. Além disso, a consciência sindical dos trabalhadores é um... fracasso. Quando o patrão percebe que o trabalhador tem interesse em se filiar ao Sindicato da categoria, ameaça-o de demissão. Até ao realizar as contratações, muitos deles avisam que, se o trabalhador procurar o Sindicato, nem precisará aparecer mais no trabalho. Quando houve uma reunião de conciliação, por conta do dissídio da categoria, mediada pela Delegacia Regional do Trabalho, um dos diretores do sindicato patronal me disse o seguinte: “- Você não conhece os empregados daqui, eles não valem nada. Quando eu me incomodo com um empregado, mando ele embora, demito e mando procurar seus direitos”. Veja bem, meu jovem, ele disse isso na frente do Delegado da DRT! Aí um disse para ele: “- Mas o senhor não pode fazer isso!” E ele falou: “- Ah! Eu faço e pronto, porque depois de três meses ele está morrendo de fome. Eu dou qualquer trocado e ele desiste, porque sabe que a justiça é lenta mesmo”. Então me revoltei: “- Vocês são uns escravistas, isso é picaretagem”. Outro representante patronal então falou: “- Calma, não é bem assim. Os empregados têm que ser tratados desta maneira mesmo. Eles não querem nada com nada. Não têm ambições. Se pagarmos bem, gostarão tudo com festa e bebida”. É por isso que é difícil o diálogo com a classe patronal. (Entrevista, 16.01.1995).

⁵ Para maiores detalhes, ver OURIQUES (1996), capítulo III.

Esta longa citação é uma mera evidência das realidades escondidas⁶ na proclamada Capital Turística do Mercosul, onde objetiva-se realizar um “turismo de primeiro mundo”. Daí termos assinalado:

O péssimo tratamento dado aos empregados e a visão de que estes são pessoas inferiores, que ‘não valem nada’, aliado à certeza da impunidade no desrespeito às leis trabalhistas(...) compõem parte do quadro realista das relações patrão/empregado do setor (OURIQUES, 1996:116).

Além disso, quando se afirma que o turismo gera empregos, que é o “grande” setor do município, não entra em discussão a qualidade dos postos de trabalho criados. Isto é, os apologéticos ideológicos não mencionam as realidades das relações de trabalho. O que se pode observar é que os empregos não têm nada de atraente, que as condições de trabalho são rigorosas, com longas jornadas de trabalho. Alguns depoimentos⁷ ilustram nossas afirmações:

- No hotel a gente nem tem hora de almoço fixa, começa bem dizer de madrugada e só sai quando anoitece. Quando termino de arrumar as camas, tenho que fazer faxina, ajudar na cozinha, não é fácil.

- Olha moço, geralmente a gente trabalha umas 10 horas por dia, a semana toda, quando não chove. Por que se chover, não dá para andar pela praia não. A gente chega aqui na praia bem cedo e só vai embora à noite.

- Eu estou chateada, sabia? É que trabalho por comissão. Com esta chuva não estou vendendo nada. Nem argentino tem aqui este ano. Para você ter uma idéia, há dois dias não vendo uma peça de roupa sequer.

- Olha meu filho, sou aposentado como pescador há um ano. É um inferno trabalhar na força desse sol [em Canasvieiras]. A gente se mata aos poucos. Mas sou obrigado, né? Afinal você sabe a fortuna que ganho como aposentado? R\$ 70,00! É uma vergonha.

- Eu gostaria mesmo é de ter um emprego de verdade, com carteira assinada, férias, salário fixo, essas coisas. Vender relógios tem sido muito difícil... É duro não ter a certeza de que você terá dinheiro amanhã para levar para a família.

- Meu pai é pescador aposentado. Como ele ganha pouco e sou a única filha ainda em casa, ajudo trabalhando neste hotel. Ganho pouco e trabalho muito, mas fazer o quê, se a gente é pobre? (Entrevistas realizadas na alta temporada de 1994/95).

⁶ Um outro aspecto “escondido” é o da sazonalidade, característica marcante do turismo em Florianópolis.

⁷ Tais depoimentos foram colhidos durante a alta temporada 94/95 junto a vendedores ambulantes, empregados no comércio e empregados de bares, restaurantes e hotéis.

Essas declarações apontam para características negativas nas ocupações ligadas direta e indiretamente ao turismo, tais como: intensas e extensas jornadas de trabalho, ganhos incertos e parcos e descontentamento quanto ao trabalho realizado. Contudo, foi possível apreender um traço comum nas falas dos trabalhadores do setor: "...apesar das queixas de todos eles quanto ao trabalho que desempenham, este parece ser suportável, diante da dura realidade do desemprego" (OURIQUES, 1996:128).

Vários estudos apontam para o caráter precário das ocupações ligadas ao turismo. KRIPPENDORF (1989), por exemplo, aponta as características desses empregos nos Alpes suíços: "as condições de trabalho são rigorosas: horas extras, horários irregulares, sobrecarga de acordo com a estação do ano e comprometimento pessoal em favor do cliente. Ademais, os salários são inferiores à média" (p. 94). Ora, os depoimentos de trabalhadores, transcritos anteriormente, não evidenciam que a lógica da expansão turística em Florianópolis (re)produz situações similares? Não seriam os salários do turismo também os mais baixos na economia local?

Para respondermos esta última indagação, passaremos à análise das Tabelas II, III, IV e V, que mostram a Faixa Salarial em Florianópolis durante os anos de 1993, 1994, 1995 e 1996, nos setores Serviços, Comércio, Todos os Setores e no sub-setor Serviços de Alojamento e Alimentação. Com o risco da monotonia, tentaremos sintetizar os resultados que podem ser inferidos a partir da "leitura" de tais dados.

TABELA II

FAIXA SALARIAL DOS TRABALHADORES EM FLORIANÓPOLIS-SC,
EM 1993 (SALÁRIO MÍNIMO) - (%)

Faixa Salarial	Alojamento e Alimentação	Serviços	Comércio	Todos os Setores
0,50 - 1,01	25,18	12,15	11,50	12,30
1,01 - 1,51	44,96	28,60	25,24	28,03
1,51 - 2,01	12,41	17,62	31,87	21,79
2,01 - 3,01	5,61	15,94	15,88	15,25
3,01 - 5,01	1,66	7,29	3,04	6,26
5,01 a 120	2,44	7,42	2,74	6,18
Ignorado	7,74	10,98	9,73	10,19
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: Ministério do Trabalho / Elaboração própria.

O ano de 1993 indica que o sub-setor de Alojamento e Alimentação apresentava o nível mais elevado de concentração salarial nas faixas de menor rendimento. São as ocupações que mais possuem pessoas (em termos percentuais) com rendimentos abaixo do salário mínimo oficial. Ao mesmo tempo, apresenta um percentual menor (4,1%) de pessoas com rendimentos acima de três salários mínimos (contra 14,71% dos Serviços, 5,88% do Comércio e 12,44% do Total). Em termos acumulados, no sub-setor em questão 82,55% dos trabalhadores recebia até dois salários mínimos, contra 58,37% dos serviços, 68,61% do comércio e 62,12% do Total. Resumindo: em 1993 as atividades diretamente ligadas ao turismo eram as que pior remuneravam em Florianópolis.

Para o ano de 1994, os resultados são similares (veja a tabela III, a seguir). O sub-setor continuava sendo o que mais concentrava trabalhadores com salários abaixo do mínimo (1/4 do total) e o que tinha o menor percentual de pessoas com salários acima de três mínimos (7,88%), enquanto os Setores Serviços e Comércio tinham, respectivamente 18,19% e 9,0% de pessoas com esta situação salarial mais favorável, permanecendo ainda abaixo da média de Todos os Setores (14,72%). As atividades de alojamento e alimentação continuaram concentrando maiores contingentes acumulados de trabalhadores que recebiam até 2 salários mínimos (78,39%), contra 49,04 dos Serviços, 57,7% do Comércio e 54,32% do Total. Quer dizer, tais ocupações ainda eram as que pior remuneravam na “Ilha da Magia”.

TABELA III

FAIXA SALARIAL DOS TRABALHADORES EM FLORIANÓPOLIS-SC,
EM 1994 (SALÁRIO MÍNIMO) (%)

Faixa Salarial	Alojamento e Alimentação	Serviços	Comércio	Todos os Setores
0,5 - 1,01	25,38	11,15	8,43	10,34
1,01 - 1,51	39,97	19,10	21,92	21,64
1,51 - 2,01	13,04	18,79	27,35	22,34
2,01 - 3,01	8,38	27,77	28,96	26,52
3,01 - 5,01	4,98	9,61	5,67	8,01
5,01 a 120	2,90	8,58	3,33	6,71
Ignorado	5,35	5,00	4,34	4,44
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: Ministério do Trabalho / Elaboração própria

TABELA IV

FAIXA SALARIAL DOS TRABALHADORES EM FLORIANÓPOLIS-SC,
EM 1995 (SALÁRIO MÍNIMO) - (%)

Faixa Salarial	Alojamento e Alimentação	Serviços	Comércio	Todos os Setores
0,5 - 1,01	9,95	5,58	6,18	6,18
1,01 - 1,51	40,10	16,71	12,61	16,09
1,51 - 2,01	20,60	20,55	24,79	22,38
2,01 - 3,01	17,04	31,90	41,04	33,34
3,01 - 5,01	6,01	13,11	9,48	11,86
5,01 a 120	2,49	8,43	4,13	7,21
Ignorado	3,81	3,72	1,77	2,94
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: Ministério do Trabalho / Elaboração própria

No que diz respeito ao ano de 1995, repete-se o mesmo padrão dos anos anteriores. Nota-se uma sensível redução no percentual de trabalhadores que recebiam abaixo do salário mínimo oficial. Mesmo assim, o sub-setor de alojamento e alimentação ainda era o que tinha o maior percentual (9,95%) de pessoas nesta situação, contra 5,58% dos Serviços, 6,18% do Comércio e de Todos os Setores. Também nota-se a continuidade do aumento percentual de pessoas que recebiam acima de 3 mínimos, já manifestada no ano de 1994. Contudo, foram as ocupações que menos cresceram neste aspecto, passando de 7,88% para 8,5%, contra 21,54% dos Serviços, 13,61% do Comércio e 19,07% do total de empregados no município. Quanto à concentração salarial nos estratos inferiores (até 2 salários mínimos), em todos os setores analisados ocorreu uma redução, o que significa uma melhora nos níveis salariais. Apesar disso, o sub-setor em pauta ainda permanecia sendo o que mais tinha trabalhadores nesta situação: 70,65%, contra 42,84% dos Serviços, 43,58% do Comércio e 44,63% do Total. Ou seja: os empregos ligados às atividades de hotelaria e alimentação continuaram sendo os que pior remuneravam no município.

Finalmente, para o ano de 1996, a adversidade dos salários nas atividades turísticas persiste, em relação aos outros setores. Porém, a única vantagem do sub-setor, em todos os anos analisados, manifesta-se no percentual de trabalhadores com salários abaixo do mínimo oficial. Neste ano, os Serviços e a economia como um todo concentraram mais trabalhadores nesta situação deplorável. Só que a situação nas duas faixas de

renda já discutidas não se alterou positivamente. Para as faixas salariais acima de três mínimos, aliás, os resultados foram inferiores aos anos de 1994 e 1995, já que apenas 5,77% dos empregados recebiam acima desta faixa, contra 7,88% e 8,5%, respectivamente. Enquanto isso, os outros três setores (Serviços, Comércio e Todos os Setores) tiveram incrementos no percentual de pessoas ocupadas com remunerações acima da faixa salarial citada (23,87%, 14,09% e 21,41%, respectivamente). Para as remunerações até dois salários mínimos, a situação, aliás, voltou a aproximar-se dos níveis de 1993. A queda observada em 1994 e 1995 foi revertida sensivelmente no ano em pauta, voltando ao patamar dos 80% (80,4% mais precisamente). Enquanto isso, os outros setores concentravam 45,99%, 22,98% e 39,7% das pessoas com salários até dois salários mínimos. Resultado: no ano de 1996 os empregos nos Serviços de Alojamento e Alimentação ainda eram os piores, do ponto de vista salarial, na capital dos catarinenses.

TABELA V
FAIXA SALARIAL DOS TRABALHADORES EM FLORIANÓPOLIS
EM 1996 (SALÁRIO MÍNIMO) - (%)

Faixa Salarial	Alojamento e Alimentação	Serviços	Comércio	Todos os Setores
0,5 - 1,01	3,72	6,16	2,38	4,74
1,01 - 1,51	49,08	19,33	7,17	15,55
1,51 - 2,01	27,60	20,50	13,43	19,68
2,01 - 3,01	13,64	28,98	62,55	37,72
3,01 - 5,01	3,15	12,83	9,70	12,41
5,01 a 120	2,62	11,04	4,39	9,00
Ignorado	0,18	1,16	0,38	0,90
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: Ministério do Trabalho / Elaboração própria

Concluindo, quem fala da “vocação natural” do turismo em gerar empregos e condições dignas de trabalho para os florianopolitanos é, no mínimo, ingênuo, por desconhecer a dura realidade dos empregos do setor. Não há, do ponto de vista dos *dados oficiais*, nenhum indício efetivo do caráter milagroso de tal atividade. Na verdade, pode-se afirmar que a precariedade salarial é a tônica da “grande indústria” em questão, como pode ainda ser percebido pela Tabela VI (a seguir), que mostra o salário médio dos trabalhadores admitidos em Florianópolis.

TABELA VI
SALÁRIO MÉDIO NOMINAL DOS TRABALHADORES
ADMITIDOS EM FLORIANÓPOLIS (EM R\$)

Sector de Atividade	1995	1996	Varição (%)
Alojamento e Alimentação	171,00	206,00	20,47
Serviços	270,00	335,00	24,07
Comércio	226,00	281,00	24,34
Todos	253,00	320,00	26,48

FONTE: Ministério do Trabalho / Elaboração própria

Houve um aumento no salário médio no sub-setor no ano de 1996, com relação ao ano anterior. Mas os aumentos nos outros setores foram superiores, em termos percentuais, aos serviços de Alojamento e Alimentação, o que implicou numa piora relativa dos salários atrelados a estas atividades. Afinal de contas, se em 1995 os rendimentos médios dos trabalhadores no sub-setor em questão eram 32,41% inferiores ao total, 36,67% inferiores aos Serviços e 24,34% inferiores ao Comércio, em 1996 a diferença aumentou, respectivamente para 35,62%, 38,51% e 26,7%.

Assim, relativamente aos outros setores da atividade econômica aqui enfocados, os empregos diretamente relacionados com o turismo têm as condições mais adversas. E não poderia ser diferente, num ramo de atividades eminentemente sazonal que se baseia, sobretudo, pela ocupação da mão-de-obra local de baixa qualificação e geralmente informal que encontra, nas atividades de verão, alternativas para a ausência ou insuficiência de renda.

Acreditar que esse quadro possa mudar, determinando condições de trabalho e salários mais altos (e existem aqueles que falam na profissionalização do turismo como saída para os baixos salários...), num cenário nacional e global de precarização na situação dos trabalhadores é apostar numa contra-tendência que não se apresenta como uma possibilidade efetiva. Ora, não seriam os parcos ganhos dos trabalhadores, as extensivas e intensivas jornadas e a informalidade das relações de trabalho fatores fundamentais da própria manutenção expansiva deste “grande setor” da economia florianopolitana?

3. Turismo e meio ambiente em Florianópolis-SC

A outra linha de argumentações em defesa do turismo no município de Florianópolis baseia-se na tese de que esta atividade não tem o caráter poluidor, típico dos setores industriais. Dissemina-se assim a crença no desenvolvimento sustentável, com respeito ao meio ambiente. São comuns opiniões como esta, que enfocam o caráter ecológico deste setor, a ponto de ter sido batizado de “indústria sem chaminés”. Tal substantivação está, na nossa opinião, duplamente desprovida de sentido. Primeiro, o turismo não é uma indústria, é um setor de serviços da economia, embora se alimente imperiosamente dos setores industriais, como construção civil, mobiliário, vestuário, etc. Segundo, a literatura não apologética, isto é, a que não tem compromissos ideológicos com os grupos sociais dominantes, aponta justamente o contrário.

O turismo tem sim uma característica marcante de degradação ambiental, particularmente no local em questão. Dissertações de Mestrado defendidas entre 1992 e 1993 na Universidade Federal de Santa Catarina destacaram este aspecto. No Balneário dos Ingleses,⁸ por exemplo, a partir do estudo de projetos residenciais, MORETTONETO (1993:150) constatou “...a não observância de critérios de sustentabilidade espacial, ou seja, a remoção de dunas, aterro de mangues e rios, cortes em encostas de morros, além de outras agressões ao ambiente.”

FERREIRA (1992:152) também apresentava conclusões similares, no tocante ao norte da ilha:

O desmatamento, a construção de rodovias, o aterro de áreas alagadas, a construção de canais e a poluição do esgoto sanitário produzido pelo balneário e lançado sem tratamento nos rios e praias da região, evidenciam um processo de degradação que compromete as condições de vida da fauna e flora nativas.

Apesar de não ser o responsável histórico pelo aumento dos problemas ambientais na Ilha de Santa Catarina, podemos afirmar que, a partir dos anos oitenta, a expansão turística passa a ter um papel determinante na ampliação desta “destruição criativa” da paisagem natural. Isto torna-

⁸ No final do mês de janeiro do ano de 1997 foi notícia, na imprensa local, um problema relacionado à ligação clandestina de esgotos de um hotel pertencente a um empresário de uma tradicional família deste balneário. Indagado sobre o motivo de ter feito tal ligação, o ilustre indivíduo declarou: “- Por que eu não faria? Todo mundo faz. A praia é minha”. E seus próprios hóspedes, ao saírem do hotel, deparavam com o esgoto, correndo a céu aberto...

se ainda mais evidente se lembrarmos que datam deste período o início do processo de cercamento da orla marítima na parte Norte da Ilha pelas construções, notadamente as de maior porte, num processo de verticalização em curso. Hoje, os Balneários de Ingleses e Canasvieiras estão repletos de muralhas cercando o mar... Muitas destas construções, com a anuência ou omissão do poder público (que obviamente representa interesses de classe e não está acima do bem e do mal, segundo HOBBS), constituíram-se em verdadeiros atentados ao meio ambiente.

Isto significa, em outras palavras, que o turismo se comporta como o Diabo da Tasmânia, que devora tudo que encontra pela frente. Para KRIPPENDORF (1989:189), por exemplo, é o “devorador de paisagens”, já que “...engole os terrenos, a natureza e o patrimônio cultural, torna-se um novo colonizador e destrói o meio ambiente”.

LEFEBVRE (1991), por sua vez, destaca o caráter de consumo do espaço desta atividade, já que o próprio meio ambiente é consumido através da recreação. Esse autor destaca o aspecto especulativo dos capitais associados ao turismo que a construção civil e, inevitavelmente, a comercialização de terrenos e imóveis, geram um certo nível de urbanização, ainda que precária.

Convém lembrarmos que até hoje os Balneários do Norte da Ilha enfrentam sérios problemas com a questão da água e dos esgotos sanitários, apesar do “turismo de primeiro mundo”...

Assim, contraditoriamente, a atividade turística em Florianópolis, que se fundamenta, principalmente, em sua base natural privilegiada,⁹ desenvolve-se “destruindo” sua força motriz. Melhor dizendo, reconstrói os espaços de forma negativa, predatória. Isto porque, para nós, não cabe utilizar o termo destruição da natureza. As dunas e os mangues (resultados de processos naturais), são transformados pela mão do homem e são, também, negados enquanto elementos de sustentação natural. Mas não se pode falar em “destruição da paisagem”. A paisagem geográfica não é algo estanque, imóvel. Pelo contrário, existe em permanente metamorfose, mesmo quando esta não é atraente do ponto de vista estético/ecológico quando, por exemplo, um rio é aterrado para a construção de um complexo hoteleiro.

Cabe aqui destacarmos que este processo de produção das paisagens no espaço da orla marítima florianopolitana teve, tem tido e terá

⁹ Isto é perceptível nos estudos sistemáticos de demanda turística realizados pela SANTUR. Em Florianópolis, a maioria quase absoluta dos turistas é atraída pelas belezas naturais.

reflexos diferenciados, em relação às classes sociais. A notável expansão imobiliária dos últimos anos no Norte da Ilha vem determinando, pela predominância da lógica do valor-de-troca, uma mudança nos atores sociais proprietários dos privilegiados espaços à beira-mar. Quer dizer:

... a incidência da elevação do preço da terra ocorre quase que simultaneamente à decadência das atividades tradicionais implicando, via de regra, na transferência da posse da terra e expulsão das áreas de marinha de muitas famílias de agricultores e pescadores, em benefício das classes mais abastadas de Florianópolis e de outros lugares (OURIQUES, 1996:76).

A tela pós-modernista que está sendo pintada atualmente vai mostrando, portanto, a exclusão como cor predominante. Afinal de contas, a apropriação privada dos espaços públicos, visível nas construções em áreas de marinha (33 metros) em praticamente todas as praias de Florianópolis, é a prova concreta (no duplo sentido) da “ética” individualista da forma de sociedade na qual vivemos. O cercamento dos costões (e aqui lembramos do sofisticado Costão do Santinho) é uma amostra desta nova realidade,¹⁰ que aponta para a proliferação de enclaves turísticos, “locais especiais para pessoas também especiais”, já percebidos pelos habitantes locais.

E o espaço do/e para o cidadão? A transformação desta cidade em um “centro de lazer”, voltado para o impulso externo (isto é, o turista) já não está definindo, aprioristicamente, que os habitantes locais, principalmente os de menor poder aquisitivo, estarão excluídos do usufruto dos espaços públicos de lazer? O que fica cada vez mais evidente é que a infra-estrutura, presente e futura, “encontra explicação e justificativa fora do lugar” (SANTOS, 1994:65). E todos os esforços do poder público, em crise crônica, são o estímulo para tais mutações.¹¹

E o mais dramático de tudo, num ecossistema frágil como o de Florianópolis, é que ainda se discute a ampliação do fluxo turístico (hoje na casa dos 300 mil) para até 1 milhão de pessoas. A questão da água potável, por exemplo, ainda empurrada com a barriga, poderá chegar a

¹⁰ Quando os donos de bares e restaurantes enchem as areias das praias com suas sombrinhas, cadeiras e mesas não estão fazendo o mesmo que algumas espécies de animais que urinam para marcar o território? Embora oficialmente qualquer um possa instalar-se neste “território”, na prática dificilmente o fará, porque sentir-se-á obrigado a consumir qualquer coisa do estabelecimento “proprietário” da praia.

¹¹ No mês de março de 1997, a Câmara de Vereadores de Florianópolis rejeitou, por 11 votos a 10, um projeto que diminuía de 5% para 2% o ISS dos empreendimentos hoteleiros.

um impasse insustentável. Isso porque há muitos locais da Ilha e da Grande Florianópolis que passam por períodos freqüentes de baixo abastecimento. Sabe-se que os mananciais atuais, em períodos de estiagem, mal dão conta da população local.

Especulativamente podemos pensar que pode vir a ocorrer em Florianópolis-SC o que já acontece em outros países do Terceiro Mundo. SAAL (1987:10), por exemplo, cita um fato interessante, ocorrido na Tanzânia:

para abastecer de água e eletricidade os hotéis construídos nos arredores da capital, foram estendidos cabos elétricos e canos de água através de uma dezena de aldeias, sem que as casas dos moradores dessas localidades fossem conectadas às redes de energia e abastecimento de água.

Quem garante que, para garantir o fluxo turístico, a CASAN (às vésperas da privatização) não promoverá rodízios em Palhoça, São José ou nos bairros periféricos de Florianópolis para, num período de carência de água, abastecer o “turismo de primeiro mundo” do Norte da Ilha?

Há ainda um outro nível de conflito, latente durante as temporadas de verão. Trata-se da relação de amor e ódio que muitos habitantes locais (particularmente dos balneários florianopolitanos) nutrem pelos turistas, sejam eles estrangeiros ou nacionais.¹² As sensações de invasão, perda de liberdade e tranqüilidade são freqüentes nos descontentes com a temporada de verão. Isso pode ser evidenciado nos seguintes depoimentos:

- Esses gaúchos e gringos são umas bestas, acham que a cidade é deles.

- Há discriminação com relação aos ilhéus, pois tudo se direciona para os turistas, que só querem fazer bagunça...

- Olha moço, no verão não dá mais para pescar aqui na Barra. Esses turistas estão em todo lugar. A gente torce para que o tempo fique ruim para eles irem embora. Mas muita gente depende deles, entende?

- Esses gringos são umas bestas. Acham que a Argentina tem o melhor time do mundo, que mulher brasileira é fácil, que aqui eles podem fazer tudo e ninguém liga. A Barra vira uma zona no verão... (Entrevistas realizadas na alta temporada 94/95).

É perceptível a visão negativa que os visitados têm acerca dos visitantes. Isso em parte se deve ao fato do período de férias significar,

¹² Estudos apontam que isto também não é exclusivo de Florianópolis. Um pequeno fragmento de um texto grego sobre o turismo em Creta, citado por KRIPPENDORF (1989:89) é ilustrativo: “Os turistas são os inimigos mais perigosos que existem, porque eles nos são indispensáveis. Por diversas razões, não podemos lhes reservar a mesma sorte dos inimigos de antigamente, que simplesmente matávamos, mas podemos nos calar”.

para o viajante, um ritual de inversão. Isto é, o turista comporta-se e tem necessidade de se comportar de forma diferente no local visitado, inclusive agindo de uma forma que seria considerada socialmente reprovável em sua terra natal.¹³

Tal tipologia de atitudes, muitas vezes agressiva e transgressora das normas sociais do país receptor, possui como síntese o seguinte este-reótipo, acidamente criticado por KRIPPENDORF (1989:69):

nas férias, longe de casa, sou um ser de exceção, que por vezes se permite coisas que jamais faria no próprio ambiente. Brincar de paxá durante alguns dias, dar ordens, fazer-se mimar, não ter nenhuma deferência. Eu paguei! Aliás, amanhã já terei partido.

Não podemos esquecer que a vinda dos turistas significa, para muitos habitantes locais, um incremento em suas remunerações (seja alugando residências, seja trabalhando informal ou formalmente...), já que acreditam “que muita gente depende deles”. Desta forma, tornam-se aceitáveis os vícios dos “invasores” porque, ao mesmo tempo que trazem o dinheiro, estes vão embora ao término da temporada de verão.

Talvez essa sensação de alívio, oriunda da brevidade da permanência dos turistas, contribua para a existência do consenso ideológico em torno da “indústria sem chaminés”, fortemente enraizado no inconsciente coletivo dos cidadãos florianopolitanos. Isso porque a unanimidade apologética (mencionada anteriormente), não se restringe apenas às classes dominantes locais.¹⁴ No trabalho de campo que realizamos ficou explícita a contradição entre o fato da maioria quase absoluta (97,33%) dos habitantes locais serem favoráveis ao turismo e, ao mesmo tempo, 33,5% sentir-se prejudicada com a existência desta atividade. Além disso, quase a metade dos entrevistados (48,5%) reconhecia a existência dos famosos guetos turísticos e tinham sentimentos de constrangimento, discriminação e até sentia-se proibida de freqüentá-los. Então por que

¹³ Isso pode ser ilustrado pelos seguintes depoimentos de turistas argentinos, colhidos por SCHMEIL (1994:93): “Yo vengo acá y me transformo. Me libero. No me interesa la ropa...”; “Los hombres se comportan de manera diferente. Se comportan com soberbia algunos. El orgullo se le sube la cabeza. Se arreglan todos. Se permiten cosas que allá no se permiten, como vicio, extravagancia, ponerse remeras. Parece que la camiseta fue un triunfo para nosotros, fue un paso grande para ponerse camiseta”.

¹⁴ Os dados apresentados a seguir foram coletados em outubro de 1995, resultantes da aplicação de 300 questionários junto aos habitantes do município com pessoas de níveis sociais os mais diversos possíveis.

estas pessoas defendiam o turismo? Porque reproduzem a lógica, a ética e a estética do dominador. Daí a maravilhosa “indústria” do turismo ser uma idéia dominante, por representar os interesses e as forças materiais e espirituais da elite político-empresarial local.

3. Conclusões

Conta a lenda que Medusa, com sua cabeça rodeada de serpentes no lugar dos cabelos, petrificava os homens com seu olhar. A mística (no sentido pejorativo da palavra) que envolve o discurso ideológico em prol da expansão turística em Florianópolis também possui esta peculiaridade.

Quando surgem afirmações como “é a única saída para o futuro”; “é a principal fonte de empregos para os nativos”; “significa a geração de novas oportunidades para todos”, o encanto mágico do turismo domina e se reproduz, mesmo nas bocas dos mais desafortunados. A crença nas virtudes redentoras desta atividade é tão forte que qualquer opinião contrária, que promova o dissenso, é vista como uma atitude do “contra”, dos que querem manter o atraso.

Ora, a apreciação precedente, baseada sobretudo em evidências empíricas, permite-nos manter a postura crítica quanto à suposta “vocação natural” para o turismo desta cidade. E isto nos dois contextos aqui enfocados. De um lado, a geração de empregos atrelada às atividades turísticas é insuficiente para caracterizar este setor (como afirmam levemente os apologéticos de plantão) como o mais importante na economia local, se restringirmos a análise aos empregos formais. Além disso, os empregos gerados pautam-se pela precariedade das condições de trabalho, são os piores remunerados no município e, além de serem sazonais, caracterizam-se, em grande parte, pela informalidade.

Por outro lado, o suposto caráter ecológico do turismo também é ilusório. Afinal de contas, a degradação ambiental do espaço na orla marítima (em curso acelerado desde os anos oitenta) foi, e é determinada pela lógica do valor-de-troca, que passa a imperar nestes locais. O aterramento de mangues, córregos, a retirada de areia das dunas para construções são indícios da fragilização, acentuada do meio ambiente natural, em Florianópolis.

Além disso, a expansão turística, ao promover o surgimento das árvores de concreto (notadamente no norte da ilha), passa a determinar quais são os agentes dominantes da orla marítima. A apropriação priva-

da dos espaços públicos, a diminuição dos espaços de lazer para as classes menos favorecidas dos habitantes de Florianópolis e municípios vizinhos, determinada em parte pela proliferação sutil dos “guetos” (grandes construções, como conjuntos de apartamentos e hotéis) ocupantes dos melhores locais à beira-mar, vão dando a tônica de uma etapa na qual o acesso à praia tornar-se-á cada vez mais privilegiado já que, ao mesmo tempo, a poluição do mar aumenta ano a ano.

Nunca é demais lembrar que a distribuição das riquezas e o acesso às condições normais de saúde, educação, moradia e lazer (que se inserem no espaço urbano em pauta) não são (e nem podem ser) equânimes na sociedade capitalista. Uns são sempre mais iguais do que outros na vida urbana. Têm o poder de mudar as leis a seu bel-prazer (transformar áreas de preservação permanente em locais passíveis de expansão imobiliária, influenciarem nos laudos das agências ambientais oficiais para a autorização da continuidade em obras até então embargadas...), moldando a expansão da cidade de acordo com sua livre e espontânea vontade...

Acreditar que o turismo possa fazer por Florianópolis o que nenhuma atividade econômica dá mais conta de fazer (como resolver o problema do desemprego), é o mesmo que ter a crença de que os ideais liberais salvarão o mundo da barbárie. Não se pode perder de vista que “...o turismo não é mais capaz de estimular a economia e melhorar o nível de vida do que qualquer outro setor como a agricultura, o artesanato ou a indústria, por exemplo” (KRIPPENDORF, 1989:186). Portanto, colocá-lo num pedestal, encarando-o como um ídolo inatacável, é perpetuar a farsa vigente. E geralmente as farsas transformam-se em tragédia....

Referências bibliográficas

- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?* São Paulo : Cortez. 1995. 155p.
- FERREIRA, Francisco A. C. *Turismo e desenvolvimento urbano: avaliação do impacto sócio-ambiental da atividade turística na Ilha de Santa Catarina.* Florianópolis : UFSC. 1992. 177p. (Mestrado em Sociologia).
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna.* São Paulo : Loyola. 1993. 349p.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos - o breve Século XX (1914-1991).* São Paulo : Companhia das Letras. 1996. 598p.
- KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do turismo.* Rio de Janeiro : Civilização Brasileira. 1989. 235p.
- KURZ, Robert. *O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial.* Rio de Janeiro : Paz e Terra. 1993. 244p.

- LEFEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. São Paulo : Moraes. 1991. 145p.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO. *Sistema CAGED*. São Paulo : DATAMEC. 1996.
- _____. *Sistema RAIS*. São Paulo : DATAMEC. 1996.
- MORETTO NETO, Luís. *A atividade turística e o desenvolvimento sustentado (...)*. Florianópolis : UFSC. 1993. 677p. (Mestrado em Geografia).
- OURIQUES, Helton Ricardo. *Turismo em Florianópolis: uma crítica à "indústria pós-moderna"*. Florianópolis : UFSC. 1996. 173p. (Mestrado em Geografia).
- RIFKIN, Jeremy. *O fim dos empregos*. São Paulo : Makron Books. 1995. 348p.
- SAAL, Ulla. ...Cuando los turistas llegaron.... In: *Desarrollo y cooperación*. Bonn : Fundación Alemana para el desarrollo internacional. 1987, n. 2, p. 8-11.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo*. São Paulo : Hucitec. 1994. 190p.
- SCHMEIL, Lilian. *Alquila-se una Isla: turistas argentinos em Florianópolis*. Florianópolis : UFSC. 1994 (Mestrado em Antropologia). 162 p.